



Chrys Chrystello*

Vida dos velhos (parte 2)

O alerta vem do advogado, autor e ativista Siddharth Kara, um dos principais especialistas em tráfico de pessoas e escravidão, temas que leciona na Universidade de Harvard. “A escravidão não é coisa do passado e nunca foi tão lucrativa. Nenhum país é imune e somos todos cúmplices. A escravidão permeia a economia global mais do que em qualquer momento do passado”, diz. A estimativa é que a escravidão gere lucros de 150 biliões de dólares por ano.

Há 21 milhões de escravos no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho. Nos últimos 17 anos, Kara entrevistou mais de 5 mil pessoas que estão ou estiveram nestas condições em mais de 50 países. Mas afinal de que escravidão falamos?

Há uma forma generalizada e comum: “Nunca ninguém foi verdadeiramente livre” por mais aparência que existisse, como as gerações entre 1960 e 2000, em que mais liberdadinhas houve no mundo ocidental. Sempre houve normas e convenções, embora a Humanidade tenha estado dependente dos desígnios da minoria mandante que dita os moldes da escravidão em cada era, desde a fixação do horário de trabalho, à remuneração, recompensa por bom comportamento dos súbditos, até à existência ou não de tempos de lazer, se tal não afetar a capacidade produtiva.

Ninguém escapa à engrenagem, nem os que, pretensamente, vivem off-the-grid (fora da rede), pois necessitam de bens produzidos pelo sistema e a troca direta “barter (*permutar, intercambiar*)”, nem sempre é possível. Desprovidos são os desempregados, sem-abrigo e os que fogem ao ciclo produtivo, livres de fazerem o que quiserem desde que gratuito, o que os limita à sombra da bananeira, na ilha deserta, rica em alimentação e vestuário, só possível em literatura de ficção.

Os senhores do mundo usam os instrumentos ao seu dispor, desde a escravatura materialista das sociedades contemporâneas à religião, à contrainformação, aos espetáculos circenses que reproduzem a máxima romana de “pão e circo (panem et circenses)” dos mundiais de futebol a outros alegados desportos, dominados pela máfia do dinheiro, anestesiando as massas e criando escape a sentimentos reprimidos. Basta averiguar o mito das férias que perpetuam a escravatura consumista. Se estiver numa ocupação produtiva remunerada, provavelmente recebe um montante extra para gastar, caso contrário, nem subsídio de férias.

Se viver na Lomba da Maia, sem dinheiro extra *para férias*, nem carro, vai a pé 4 km até à Praia da Viola e chamará a isso férias, ou aproveitará para cuidar da casa, pintá-la ou renová-la com trabalho gratuito e chama a isso de férias.

Se vai para fora (cá dentro ou lá fora) de férias e já entrou num esquema de crédito ao consumo, nunca mais se libertará do ciclo vicioso de trabalhar para pagar ao banco o que pediu emprestado e os juros exorbitantes da invenção a que chamam dinheiro. Endividou-se para estudar, então trabalhe, para reembolsar a banca, que sobrevive explorando-o a si e aos demais.

Se pensa que não é um escravo, pense na vida dos antepassados e (na maioria dos casos). E se pensa que os DDT são livres, desengane-se, sem nós,

escravos perpétuos, eles nada são e têm de se certificar constantemente de que há muitos escravos para manterem o sistema a funcionar. Por mais oleado que o esquema esteja, precisam de inventar continuamente novas normas e retribuições, fake news, para que a roda dentada da engrenagem continue a funcionar e dar lucros, cada vez maiores. Até eles são escravos da escravatura que impõem aos outros.

Seria uma vida mais livre e menos escrava antes de se ter inventado o dinheiro? Não há relatos fidedignos. E os poetas, sonhadores, escritores, enganam-se pensando que são livres, apenas na realidade virtual atingem esse modicum enganoso de liberdade.

Dizia eu no início desta crónica diária, que a vida dos velhos é triste e monótona. Revivemos (quase todos os dias e noites) toda uma vida e os seus momentos, privilegiando os bons e relegando para segundo lugar as más memórias, erros e desvios de curso.

Perguntam-me como me sinto (até parece o Facebook) e respondo invariavelmente “vamos indo”, ajustei a minha vida de acordo com as prioridades: não deixar que algo me incomode, tratar de preservar a pouca saúde que me resta, evitar encontros de ordem social ou similares onde reina a hipocrisia e cortesias falsas. Tendo tomado consciência, de forma brutal, da minha vulnerabilidade (e isso custa a quem raras vezes esteve doente ou de cama) deparei-me agora com loucos em todos os cantos do mundo, a tentarem aniquilar este mundo que é o único que temos. Seja Trump, Putin, Netanyahu, ou qualquer outro, creio que desde o meu nascimento nunca estive tão perto de uma guerra mundial como agora. Isso preocupa-me, seria um fim mau para uma vida que acabou por ser feliz e muito satisfatória, em especial nas últimas três décadas.

Como me dizem, tive imensa sorte de viver em tantos países e continentes, lamento apenas as inúmeras casas que se desmontaram, que já não existem, onde vivi ou que eram da família. As duas primeiras casas da minha vida, no Porto (uma na R. do Amial e outra na R. de Maria Pia) ainda existem, e a terceira onde a minha mãe ficou até morrer (2021 na R. do Campo Lindo, ainda existe). Ainda existem também as três casas onde os meus avós maternos viveram no Porto (Av. Fernão de Magalhães, R. António Feliciano de Castilho, Pedrouços, e R. da Igreja de Paranhos até 1989), a de Vimioso (brasonada) ainda existe maltratada e ocupada (estava em 2003) e a da Eucísia em ruínas. Do lado paterno as casas que tinham no Porto (ainda conheci duas já demolidas, solarengas, uma na Visconde de Setúbal, outra na R. João das Regras), das da Foz e Matosinhos nenhuma delas sobreviveu e a Quinta do Cabeço (dos Meira) em Afife, ficou para uns parentes. Isto tudo para concluir que em nenhuma vivi tantos anos como aqui nos Açores, na Lomba da Maia, onde espero ter saúde suficiente para acabar os meus dias, apto fisicamente a locomover-me e ter sanidade total e capacidades para continuar a escrever...

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713
MEEA-AJA (IFJ)

Ribeira Grande acolhe I Encontro Nacional das Casas do Povo e reúne instituições de todo o país

A Ribeira Grande foi palco do I Encontro Nacional das Casas do Povo, uma iniciativa promovida pela Confederação Portuguesa das Casas do Povo, que decorreu no Centro de Artes Contemporâneas – Arquipélago, e que reuniu representantes de diversas instituições de todo o país.

“Felicito a direcção da Confederação Portuguesa das Casas do Povo e a Comissão Organizadora composta pelas Casas do Povo de Maia, Arrifes, Faja Baixo, Rabo de Peixe e Fenais Ajuda, pela escolha da Ribeira Grande como local para a realização deste primeiro encontro nacional, certo de que será um momento muito

profícuo para todas as Casas do Povo do país, entidades que representam valores fundamentais como a proximidade, a solidariedade e a coesão social”, afirmou o autarca ribeiragrandense.

Vieira acrescentou que a Câmara Municipal encontra-se “disponível para analisar e responder às solicitações que lhe sejam apresentadas”, entendendo que “as Casas do Povo são muito mais do que instituições: são pontos de encontro, de apoio e de partilha, que mantêm vivas as tradições e fortalecem o sentido de comunidade”.

O I Encontro Nacional das Casas do

Povo constituiu uma iniciativa há muito ambicionada pelos dirigentes e órgãos sociais destas instituições tendo, agora, “sido concretizada na Ribeira Grande, num momento considerado histórico para o movimento associativo das Casas do Povo em Portugal”, enalteceu o autarca.

O encontro serviu igualmente para a tomada de posse da Comissão Instaladora da Delegação Regional dos Açores da Confederação Portuguesa das Casas do Povo. O novo órgão é liderado pela Casa do Povo da Maia e integra ainda as Casas do Povo de Fenais da Ajuda, Rabo de Peixe e Pico da Pedra.

